



C E F A S C A R V A L H O
M I N H A M ã E
E O R A T O

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2020

Apresentação

Quinze anos de registros sobre o Mundo lá fora e o Mundo aqui dentro

Cefas Carvalho

Ah, Cefas, você deveria reunir essas crônicas em um livro.

Pois é, escuto isso há década e meia. A cada texto meu publicado em alguma mídia, impressa ou virtual. Pois aí, está, este pleito de amigos e leitores e de tanta gente querida, se tornou realidade agora.

Sempre fui apaixonado pelo gênero *crônica*. Quando criança, precoce leitor de jornais que eu era, sempre me deparava com aqueles textos curiosos, falando sobre a vida, o cotidiano. Ainda na pré-adolescência tive a oportunidade, ou deveria dizer, o privilégio, de ter em mãos os volumes da série *Para Gostar de Ler*, cujos três primeiros traziam crônicas de ninguém menos que Rubem Braga, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos e Carlos Drummond de Andrade. Foi amor à primeira vista.

Esse amor continuou na minha vida escolar, com redações que muitas vezes eram puras crônicas, o que me gerava

dos professores ora elogios, ora broncas. Enfim. Já na vida adulta labutando no jornalismo diário, enveredei sem volta no caminho da crônica do cotidiano, desejoso de dar meu pitaco sobre tudo que via ou de registrar o que havia vivido, fosse engraçado ou doloroso.

Portanto, seguem aqui textos escritos, quase sempre em formato de crônica, mas, muitas vezes em formato indefinido, flertando com o conto clássico ou a prosa poética. Perfazendo uma linha de tempo de uma década e meia, de 2005 até este estranho ano de 2020. Textos publicados no Jornal Potiguar Notícias (impresso), coluna semanal no Portal Potiguar Notícias, Jornal O Mossoroense, Revista Papangu, Portal Saiba Mais, Revista Salto Agulha, e no meu perfil do Facebook.

Cabalístico e com TOC por números redondos, entre as quase cem crônicas e textos diversos, passei a régua em cinquenta, seja por alguma pretensa qualidade literária, seja por razões sentimentais, que aqui seguem. Peço a leitores e leitoras compreensão quanto às temáticas e referências, que fazem mais sentido no contexto da época em que foram escritas, e peço também boa vontade, posto que com estes escritos não ambicionei mais que registrar sentimentos, sensações, indignações, e a vida que se descortinava diante dos meus olhos. Enfim, registrar o Mundo que vi passar pelos meus olhos e tentar entender o Mundo dentro de mim. Sempre com palavras, elas que sempre foram e sempre serão a minha tábua de salvação.

Minha mãe e o rato

Minha mãe disse que há um rato na casa dela. Mais exatamente, na cozinha. E que está sem dormir por causa disso há dias. Ela não o viu nenhuma vez, mas, tem certeza que é um rato. E apenas um.

Bebendo café com ela, relatou-me com detalhes todas as evidências que um rato se instalara na cozinha.

Mas, vamos às explicações necessárias: mamãe, mulher forte e determinada, mora sozinha há anos, não obstante os 70 anos bem vividos, dedicados em grande parte à tarefa – bem sucedida – de criar e educar os três filhos. Papai morrera havia duas décadas. Ela mora sozinha porque quer, pois os três insistimos para ela morar com um de nós. Ela prefere sua casa e sua privacidade.

Contudo, o rato – sequer visto – trincara a até então indestrutível tranquilidade de minha mãe. Comprei três ratoeiras e queijo. Pacientemente instalei-as em locais diferentes da casa, em lugares onde ela própria não se machucaria, mas, um rato, pelo menos eu pensava, haveria de estar.

Três dias depois as ratoeiras estavam inalteradas. *Este rato é esperto*, deduziu minha mãe. Voltei a questioná-la, com a delicadeza que ela e a situação mereciam, sobre a existência de tal camundongo. Ela elencou as, digamos, provas, da ação do rato: viu uma sombra pela casa, se escondendo entre os vãos; ouviu um guincho na cozinha (*Não era a panela de pressão, mãe?*, perguntei); os sacos de açúcar e arroz apareciam com pequenos furos. Enfim, provas cabais da existência do animal que estava tirando o sono de minha mãe, e, por conseguinte, de seus filhos, netos e vizinhos, já que esse passou a ser o assunto único de sua conversa e responsável por irritações que ela jamais apresentou.

Meu irmão deu a ideia e eu não apenas a aprovei como parti para a ação: arranjei para minha mãe um gato.

Ela deu a ele o nome de Tom. Deduzi que ela já tratava o rato como Jerry. *Se eles se comportarem como no desenho animado, o problema vai continuar*, pensei. Como meus irmãos estavam otimistas, me tranquilizei confiante que o problema seria resolvido em pouco tempo graças ao instinto caçador do felino.

No almoço de domingo, dias depois, mamãe mostrou-se irritadiça e quase colérica. Não apenas o gato Tom não conseguira capturar o rato (Jerry?) como ainda se atrevera a mordê-la e arranhá-la. Argumentamos que o gato era novo, jovem, aquelas eram tentativas de brincar. *Este gato* (ela não o chamava mais de Tom) *não apenas não consegue pegar o rato, que é muito mais esperto e ágil que ele, como ainda quer me machucar.*

Meu irmão mais novo ventilou, com luva de pelica e quase em um murmúrio, se não havia a possibilidade do gato não ter apanhado o rato pela simples razão de não existir nenhum rato (já que nunca visto). Minha mãe arregalou os olhos como se gritando: *Vocês estão achando que eu estou ficando louca?* Meu irmão correu em tirar o prato da mesa e lavá-lo e eu tratei de colocar mais ratoeiras para tentarmos capturar o roedor. E meu irmão mais velho teve de levar o pobre gato, tratado como inepto, embora.

Propomos a minha mãe ela passar uns dias na casa de um dos filhos. *E deixar o rato aqui mandando na minha casa? Jamais!*

Preocupados com a saúde e a irritabilidade de mamãe, eu e meus irmãos nos reunimos para pensar o que poderia ser feito. Várias ideias, algumas bem idiotas, vieram à tona. Não chegamos a nenhuma conclusão. Ficou decidido que eu, que tinha mais jeito com minha mãe, faria com que ela se deixasse ser levada a um médico, a um tratamento profissional adequado. Com esta ingrata missão e esse peso, fui à casa dela em uma tarde de sexta-feira, imaginando encontrá-la tensa, com olheiras, irritada, como vinha acontecendo havia algumas semanas.

Em vez disso, dei de cara com minha mãe serena, tomando chá de hortelã e querendo conversar sobre a novela.

Curioso, entre um gole e outro do chá, perguntei, reticente: *Mãe, e o rato?*

Ah, meu filho, ele foi embora – respondeu, tranquilamente.

Pensei em perguntar *como* ela sabia que ele tinha embora. Que evidências a levaram a concluir isso. Mas, meu bom senso era mais poderoso que minha curiosidade. O importante, afinal, era mamãe estar bem.

Ela registrou que havia jogado fora as ratoeiras e disse que iria fazer carne assada no domingo, que eu chamasse meus irmãos e todas as noras.

Despedi-me com um beijo, intrigado com a sequência de acontecimentos (ou de não-acontecimentos posto que o rato que fora embora sequer tinha sido visto, ou seja, provavelmente *nunca esteve naquela casa*). Ao fechar o portão da casa, senti uma rajada de ar nos meus pés, e ao abaixar a cabeça, não vi, mas *percebi*, uma sombra se movendo em alta velocidade.

Deve ser apenas uma impressão minha, pensei. Ou talvez não.

Deixem o Tom fumar em paz!

Torturar, fatiar, electrocutar, agredir, esfaquear, esbofetear, trair, carbonizar, pode! Fumar não pode. Esta é a conclusão a que este escrevinhador forçosamente chegou ao ler em um site uma informação bizarra: o desenho animado *Tom e Jerry*, que fez a minha alegria na infância e a de onze em cada dez crianças de várias gerações, vem sendo duramente criticado na Inglaterra depois que um espectador telefonou para o *Ofcom* (órgão regulador da programação de TV no país) reclamando que o gato Tom costuma fumar, e isso representava um péssimo exemplo para as crianças.

Efetivamente no episódio *Texas Tom*, o gato azarado tenta impressionar uma gatinha enrolando um cigarro, acendendo-o e fumando-o com uma mão. No outro episódio, o *Tennis Chumps*, o adversário de Tom fuma um grande charuto. Resultado: em boletim publicado em seu website, o *Ofcom* apon-tou preocupações de que fumar na televisão possa realmente influenciar que crianças desenvolvam esse hábito. A empresa que licencia o desenho concordou em editar algumas cenas de fumo de Tom e Jerry. Quem diria, Tom e Jerry censurados e com cenas cortadas em um país democrático e em pleno século 21!

LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em Utopia Std pela
Editora Penalux e impresso em papel off-
white 80 g/m², em setembro de 2020.
